

<diálogos> & <espiritualidade>

<aperiódico-2017>

Diga não à intolerância religiosa!



<campanha-contr-a-intolerância-religiosa><diversidade-religiosa-em-sala-de-aula><entrevista-com-Sarah-Ghuraba><entrevista-com-Patricio-Araújo><diálogo-inter-religioso><saúde><espiritualidade><ativismo>



<são paulo>

<n.1><jan><2017>

<diálogos> & <espiritualidade>

diálogos & espiritualidade é um informativo aperiódico do **Coletivo por uma Espiritualidade Libertária** de São Paulo. Sua reprodução e distribuição é permitida desde que não seja alterado o conteúdo e nem vendido para gerar lucro.

O **Coletivo por uma Espiritualidade Libertária** organiza diálogos mensais, na cidade de São Paulo; organiza anualmente a **Campanha Contra a Intolerância Religiosa**; coordena o projeto de extensão **Diversidade Religiosa em Sala de Aula**; publica a revista **Espiritualidade Libertária**; e ministra cursos e palestras.

Entre em contato conosco para levar cursos e palestras para sua escola, igreja, instituição, grupo de jovens ou coletivo.



<contato>

<espiritualidadelibertaria.com>

<espiritualidadelibertaria@gmail.com>

<fb.com/EspiritualidadeLibertaria>

<twitter.com/ESP1R1TU4L1D4DE>

Não deixe de denunciar os casos de intolerância religiosa no **Disque 100**, da Secretaria de Direitos Humanos:

(1) Quem sofre a violência? (Vítima); (2) Qual tipo violência? (violência física, ataque a templo religioso, ataque a símbolo religioso, etc.); (3) Quem pratica a violência? (Suspeito); (4) Como chegar ou localizar a Vítima/Suspeito?; (5) Endereço; (6) Há quanto tempo? (frequência); (7) Qual o horário?; (8) Em qual local?; (9) Como a violência é praticada?; (10) Qual a situação atual da vítima?; (11) Algum órgão foi acionado?

DISQUE
DIREITOS
HUMANOS **100**

Através da página **<www.disque100.gov.br>** é possível denunciar qualquer material escrito, imagens ou outro tipo de representação de idéias ou teorias que promovam e/ou incitem o ódio, a discriminação ou violência contra qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos, baseado na raça, cor, religião, descendência ou origem étnica ou nacional.



Campanha Contra a Intolerância Religiosa



O **Coletivo por uma Espiritualidade Libertária** organiza anualmente a **Campanha Contra a Intolerância Religiosa**. O objetivo da campanha é estimular a reflexão e o compromisso com o respeito à diversidade religiosa. As concepções de **tolerância, respeito e diálogo inter-religioso** ainda são um tanto incompreendidas, muitos religiosos e não-religiosos pensam que o respeito e o diálogo podem comprometer suas próprias crenças ou princípios morais. Ainda temos o problema do desconhecimento e da **falta de visibilidade das minorias religiosas**, associado a outros preconceitos como o racismo, que, por sua vez, comprometem a **liberdade religiosa** no Brasil.



Diversidade Religiosa em sala de aula



O projeto **Diversidade Religiosa em sala de aula** propõe uma atuação pedagógica voltada à promoção e valorização da diversidade religiosa, com foco em práticas democráticas, na disseminação do conteúdo dos direitos humanos e na orientação de práticas de combate ao racismo e à intolerância religiosa. Nesse sentido, o **Coletivo por uma Espiritualidade Libertária** oferece cursos de extensão, oficinas e palestras que fornecem subsídios para a realização de práticas pedagógicas e aplicação de materiais didáticos e objetos de aprendizagem voltados à consecução da cultura de convivência pacífica e do diálogo inter-religioso.

<informações><espiritualidadelibertaria@gmail.com>



As raízes do diálogo inter-religioso

<por Angélica Tostes> <angelicatostes@gmail.com>

O **diálogo inter-religioso** tem se tornado uma necessidade na atualidade. O campo da religião transformou-se uma verdadeira batalha das “certezas” daquilo que é incerto. No lugar de partilha dos pontos comuns, as religiões insistem em focar nas diferenças de crenças e ritos, dando espaço para que os fundamentalistas destilem intolerância daqueles que não pertencem a mesma “ortodoxia”.

É necessário que as religiões se abram para o respeito e trocas significativas. O diálogo não implica na perda da sua própria crença, mas sim em um **enriquecimento mútuo** e um conhecimento profundo acerca da religiosidade experimentada.

Há um medo do diferente, um receio do outro, entretanto, as únicas formas de quebrar esse isolamento e medo é a partir do diálogo com o outro. O diálogo não implica no convencimento do outro, mas sim na exposição das diferentes opiniões. Também não implica no “converter” o outro à sua própria ideologia. **Dom Laurence Freeman** define o diálogo como: *“É algo desafiador e difícil. Significa que você troca pontos de vista com o outro, expande a sua própria perspectiva da realidade, tenta ver o mundo a partir das crenças da outra pessoa. Isso não significa que você aceite essas crenças, mas que tem a coragem e olhar o mundo a partir da visão do outro. E esse é um desafio difícil e exigente, mas é a base real e qualquer relacionamento.”*

O teólogo e cientista da religião **Faustino Teixeira** classifica o diálogo inter-religioso da seguinte maneira:

*“O **diálogo inter-religioso** instaura uma comunicação e relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Esta comunicação propicia um clima de abertura, empatia, simpatia e acolhimento, removendo preconceitos e suscitando compreensão mútua, enriquecimento mútuo, comprometimento comum e partilha da experiência religiosa. Este relacionamento inter-religioso ocorre entre fiéis que estão enraizados e compromissados com sua própria fé, mas igualmente disponíveis ao aprendizado da diferença.”*

Um querido monge beneditino uma vez me ilustrou o caminho do diálogo inter-religioso da seguinte maneira:

<continua>

“É necessário que se
conheça ao menos
uma outra religião
diversa.”
(Raimon Panikkar)



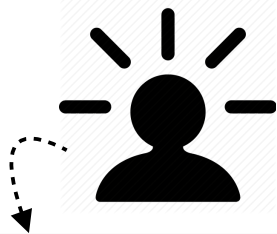
Conforme o tempo passa, as árvores vão se enraizando cada vez mais no solo. E assim vão adquirindo certa profundidade, dia após dia. Passando por todos os tipos de terras encontradas em nosso solo, elas, então, encontram o lençol freático.

Quanto mais nos enraizamos na nossa própria fé mais encontramos pontos comuns com as outras crenças. Quando conhecemos profundamente nossa própria tradição vamos ao chamado “lençol freático espiritual” e lá nos encontramos com outras tradições que bebem do mesmo lençol freático: DEUS.

Para o teólogo **Raimon Panikkar**: “aquele que não conhece senão sua própria religião, não a conhece verdadeiramente. **É necessário que se conheça ao menos uma outra religião diversa** para poder situar em verdade o conhecimento profundo da religião professada”. Panikkar sinaliza a profundidade da experiência religiosa alertando que o diálogo inter-religioso é caminhar em solo sagrado e delicado, e “faz parte daquela peregrinação pessoal para a plenitude de nós mesmos, que se obtém ultrapassando as fronteiras de nossa tradição, escalando e penetrando nos muros daquela cidade onde não há templo porque a Iluminação é uma realidade, como se diz na última das Escrituras cristãs (Apocalipse 22:5)”.

Bede Griffiths uma vez disse: “Além de ser cristão, eu preciso ser hindu, um budista, jainista, zoroastria, sikh, muçulmano e judeu. Só assim poderei conhecer a Verdade e encontrar o ponto de reconciliação em todas as religiões.” O caminho do diálogo consiste na abertura ao outro, e assim, aprender a beleza e o valor espiritual das outras tradições. **Raimon Panikkar** disse uma vez sobre a sua viagem para a Índia: “Parti cristão, me descobri hindu e retornei budista, sem jamais ter deixado de ser cristão”.

Poderia dizer que **as raízes do diálogo inter-religioso** são: a abertura de coração, a humildade, a alteridade, a comunhão com o Divino, a esperança da unidade na diversidade e principalmente o Amor que perpassa tudo e todos. Como disse **Claude Geffré**: “a pluralidade dos caminhos que levam a Deus continua sendo um mistério que nos escapa”.



Todos nós, evangélicos, apedrejam uma menina de 11 anos

<por-Ronilso-Pacheco><Rio-de-Janeiro><15/6/2015>

“Não me levem a mal, mas essa história de que a agressão sofrida pela **menina candomblecista de 11 anos**, foi um caso isolado e que não devemos generalizar se referindo a todos os **evangélicos**, é o mesmo que agredi-la pela segunda vez, agora, dizendo que ‘nós não temos nada com isso’. Mas nós temos. Se sou evangélico, sou responsável. Se você é evangélico, você é responsável. Quem atirou aquela pedra fomos nós. Quem atirou aquela pedra foi cada uma das nossas igrejas que faz uma semana de sermões sobre a igreja perseguida, como se apenas cristãos fossem perseguidos no mundo, mas se cala diante da **demonização das religiões de matriz africana**, do nosso lado, na nossa vizinhança. Quem atirou aquela pedra foi cada líder, cada pastor, que vai fazer de conta que isso não aconteceu, e no próximo domingo vai pregar sobre qualquer coisa, menos exortar os seus membros sobre o pecado do preconceito e da intolerância. Porque nossa **cultura evangélica** é arrogante e presunçosa, à revelia das boas convivências, familiares e afetivas, que às vezes resistem as diferenças religiosas. Das nossas escolas dominicais aos nossos sermões, passando pelos nossos seminários e missões, em tudo que temos feito permanece a desqualificação da religião do outro. Nós apedrejam uma menina de 11 anos. Isso não é um fato isolado não. Isso é prática recorrente. Então, se nós não queremos apedrejá-la novamente, nós temos que reconhecer que nossa índole de tolerância é na verdade intolerante, excludente, competitiva, maldosa. Esse nosso evangelho tem negado o Evangelho. Nós deveríamos lavar os pés desta menina. Deveríamos lhe pedir publicamente perdão, abraçá-la, expor a solidariedade. Porque até agora, o que tem sido um caso isolado é o pedido de perdão e a solidariedade com as pessoas de religião de matriz africana. As agressões e o preconceito, sejamos sinceros, tem sido sim generalizado.” <Ronilso-Pacheco><teólogo>

Eu respeito os evangélicos.

#NÃOINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito os símbolos religiosos em locais públicos.

#NÃOINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito os templos e outros locais de culto.

Digo #nãointolerância religiosa

Participe da
Campanha Contra a Intolerância Religiosa
Diga #NÃOàintolerânciareligiosa

Eu respeito
os filhos de santo.

#NÃOàINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito os
símbolos da herança
africana no Brasil.

#NÃOàINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito as
cerimônias religiosas
em locais públicos.

#NÃOàINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito as
festas religiosas
em locais públicos.

#NÃOàINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito
os muçulmanos.

#NÃOàINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito
os budistas.

#NÃOàINTOLERÂNCIARELIGIOSA

Eu respeito
os evangélicos.

Eu respeito
os espíritas.

#NÃOàINTOLERÂNCIARELIGIOSA



Organize e/ou apoie
alguma iniciativa
contra a intolerância
religiosa na sua cidade.

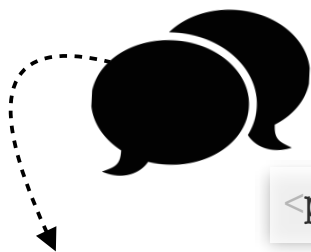


Mãe Gilda (Gildásia dos Santos e Santos), do Axé Abassá de Ogum, em Itapuã, é um **símbolo da luta contra a intolerância religiosa**. Em 2000, ela faleceu de um infarto fulminante em consequência dos ataques sofridos por grupos evangélicos. Além de ter sua imagem usada indevidamente por uma igreja, teve seu terreiro invadido por um grupo de evangélicos dispostos a “exorcizá-la”. Este caso levou a Câmara Municipal de Salvador a transformar a data de seu falecimento (**21 de janeiro** de 2000) em Dia Municipal de Combate à Intolerância Religiosa, em 2004. Posteriormente, em 2007, o mesmo dia tornou-se também o **Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa**.



“Pratique uma espiritualidade em conjunto com uma religião ou não. Lembre-se que a sua prática espiritual ou religiosa tem limitações, logo ela não é superior à espiritualidade de outras pessoas. Nunca esqueça que ela deve te levar a buscar a justiça entre os humanos e destes com a natureza.”

<Flávio-José-Rocha><doutor-em-Ciências-Sociais-e-membro-do-Espiritualidade-Libertária>



entrevista com Sarah Ghuraba

<por Silas Fiorotti> <silas.fiorotti@gmail.com>

Há quanto tempo você é muçulmana? O que é ser uma muçulmana para você?

Sou muçulmana há 5 anos. Ser muçulmana para mim é algo bem simples, é minha fé em Deus único, é ser livre apesar de acharem que eu sou oprimida o tempo todo, por todo mundo.

Você já sofreu algum tipo de preconceito por conta da sua fé?

Sim, várias vezes. [Em 2015, Sarah recebeu pedrada - leia relato abaixo.]

Você que atua na área da educação aqui em São Paulo, como percebe a intolerância religiosa se manifestando na educação? Essa intolerância religiosa vem acompanhada com outros preconceitos?

Olha é assustador, são todos os tipos de preconceitos que encontramos na escola, seja no segmento religioso quanto na orientação sexual. O problema maior a meu ver é como os docentes lidam (ou na maioria dos casos não lidam) com a situação. Alguns fortificam a intolerância pelo viés tradicional, outros dão uma camuflada, mas no geral alimentam as brincadeiras que julgam “saudáveis”. Logo o preconceito que é enraizado, continua muito firme e muito forte dentro do ambiente escolar. Vejo poucos professores preocupados efetivamente com isso, a discrepância é desleal.

Mesmo sendo evangélico, sei que nós evangélicos temos muita responsabilidade pela intolerância religiosa contra adeptos do islamismo. Muitos evangélicos têm dito que há um mal na própria religião islâmica. Você pode passar alguma mensagem aos evangélicos que não conhecem as vertentes islâmicas e seus adeptos?

Apreendi com o Teatro Mágico: “Onde sobra intolerância, falta inteligência”. Todos que têm intolerância, seja com o Islam ou com religiões de matriz africana, certamente não estudaram muito sobre tal referência. Não se deixar levar por orientação das pessoas que julgam-se acima da lei de Deus já é um bom começo. Buscar sempre o conhecimento, questionar tudo que é possível, mas não com seus próprios líderes religiosos. É bom que questione as coisas com as pessoas que seguem a religião, só assim você poderá, além de obter mais conhecimento sobre novas culturas, terá também seu próprio corpo de análise. Ser um bom fiel de qualquer religião significa respeitar seu próximo.



“Ser um bom fiel de qualquer religião significa respeitar seu próximo.”

Suponho que você possua amigos e familiares que também são evangélicos. Agora no sentido de quebrar estereótipos, você pode citar algum aspecto que você considera positivo relacionado aos evangélicos?

Minhas tias são evangélicas, e temos um relacionamento agradável, elas sabem limitar o que vão dizer quando estão próximas a mim, tal como eu me limito no que dizer a elas, para não gerar confusão. Não brigamos por conta de religião, quando divergimos de algo, buscamos dialogar. Então vejo por parte delas que há sim como conviver muito bem uma ou mais religiões, porque há o RESPEITO.

Agradecemos por essa entrevista.

Eu agradeço imensamente o espaço, agradeço por trabalharem de forma tão limpa e clara na militância contra o preconceito. Que Allah Swt abençoe todos vocês. Que 2017 seja um ano de muita luz para todos nós. Assalamu Alaikum (Que a Paz de Deus estejam com vocês). Com carinho, Sarah Ghuraba.

<Sarah Ghuraba><jimvim@gmail.com>

<fim>



* * * *



"A professora Sarah Ghubara, 27, **recebeu uma pedrada** a caminho de um posto de saúde na capital paulista, onde tinha consulta médica. 'Quando passei por um terreno baldio, ouvi a voz de um homem me chamando de muçulmana maldita. Alhamdulillah [graças a Deus] a pedra pegou na minha perna. Pelo impacto, se tivesse pegado na cabeça, teria feito um estrago'."

(Anna Virginia Balloussier, Folha de São Paulo, 15/1/2015)



entrevista com Patrício Araújo

<por Silas Fiorotti> <silas.fiorotti@gmail.com>

Há quanto tempo você é candomblecista? O que é ser candomblecista?

Conheci o candomblé em 2000. Porém, meus primeiros contatos mais profundos com o candomblé se deram em 2001, em João Pessoa. Lá conheci o mundo dos terreiros, das nações de candomblé e dos orixás. Foi amor à primeira vista. No primeiro contato que tive com um terreiro já percebi que ali era meu lugar no mundo. Naquele mesmo ano estive pela primeira vez diante do oráculo sagrado (jogo de búzios). No mesmo dia que o Pai Buiú de Oyá Onira jogou pra mim, fui a uma festa de Oxum (Ipeté) na casa da Mãe Chaguinha de Oxósse onde, pela primeira vez tive a honra de sentir no meu corpo a energia do meu orixá (Odé). Foi ali que comecei a entender o que é ser de candomblé. Em 2003, vim viver em São Paulo, onde, em 2007 me iniciei como filho de Odé Irinlê (Oxósse), na nação Ketu. Este ano (2017) completo, com muita honra e gratidão, 10 anos de iniciado. Sou filho do Pai Daniel Oguntobi, babalorixá n'Egbé Ire-ô, Diadema, SP. Tenho então 17 anos de candomblé e 10 anos de iniciado. / Para mim, ser candomblecista é ter a consciência de que o ser humano realmente é um ser para a transcendência. É saber que a pessoa não está sozinha no mundo e que cada partícula da natureza, desde as folhas de uma planta até a poeira cósmica, compõem uma mesma realidade sagrada e sacralizante. Ser candomblecista é saber que o ser humano é imortal através da memória do seu povo e do seu grupo. Ser de candomblé é perceber-se como parte da divindade que dá vida e que mantém a vida de tudo que é animado e inanimado. Mas ser candomblecista também é ter consciência de que será vítima do racismo, discriminação e rejeição por parte da sociedade na qual vivemos. Ser de candomblé é perceber-se como parte de um povo mal compreendido que luta todo dia para provar ao mundo que não cultua o demônio e não faz mal às pessoas. Então, ser candomblecista é mais do que ser um religioso ou seguidor de uma religião: é assumir uma postura política diante do mundo. Para cultuar seu orixá, nkisi, vodum, etc, é preciso assumir uma posição política no sentido de defender aquilo que há de mais precioso para qualquer pessoa: sua consciência de sagrado.

Você já sofreu algum tipo de preconceito por conta da sua fé?

Várias vezes. (...) No meu caso, já vivi diversas situações de preconceito e intolerância por motivação religiosa, inclusive na minha família. (...)

Você fez uma pesquisa sobre a intolerância religiosa nas escolas. Como a intolerância religiosa se manifesta na educação básica?

Na educação básica a intolerância religiosa se manifesta de muitas formas. De forma institucional, quando a escola elabora currículos intolerantes e racistas que só privilegiam os conteúdos ligados às culturas hegemônicas e aos grupos que se mantêm há séculos no poder. Quando professores e gestores colocam suas crenças pessoais e idiossincrasias à frente das suas ações profissionais,...

<continua>

promovendo quem crê como eles e discriminando, ou mesmo demonizando, quem crê de outra forma. Quando os materiais didáticos privilegiam uma cultura religiosa hegemônica e silencia sobre as religiões dos grupos historicamente discriminados. Quando a formação dos professores reproduz preconceitos, discriminações, estereótipos e erros acerca das religiões minoritárias. (...) No plano das relações mais diretas e imediatas, a intolerância religiosa também se manifesta na educação básica toda vez que uma criança é xingada por ser de terreiro; sempre que amizades se desfazem quando um dos amigos fica sabendo que seu colega (...) é de terreiro; quando (...) professores fundamentalistas reafirmam (...) que macumba é coisa do diabo e que quem é de candomblé não vai pro céu e não se salvará; sempre que símbolos de religiões minoritárias são vilipendiados, rejeitados, proibidos etc., enquanto os símbolos das religiões majoritárias são acolhidos, promovidos, exaltados e impostos. Por exemplo, toda vez que um crucifixo é afixado à parede da escola, enquanto o fio de contas no pescoço da criança de candomblé é desqualificado, a intolerância religiosa está acontecendo. Em todas essas situações, e em muitas outras, a escola está reforçando o racismo e a intolerância. E, por isso mesmo, está traindo sua verdadeira natureza e função. Uma escola racista e intolerante é uma escola traidora. Nesse sentido, a intolerância religiosa é um tipo de violência que sempre vem acompanhada de outras: machismo, homofobia, racismo, agressão, desrespeito, etc. (...) Racismo e intolerância religiosa são irmãos siameses. E por isso mesmo devem ser consideradas como um crime contra a humanidade. Intolerância religiosa não é brincadeira e nem mal entendido: é crime. E como crime deve ser denunciada, combatida e punida.

Agora no sentido de quebrar estereótipos, você pode citar algum aspecto que você considera positivo relacionado aos evangélicos?

Sim, com certeza tenho muitos amigos evangélicos. E também tenho muitos membros da minha família que são evangélicos. (...) entre os muitos aspectos positivos que percebo nesses evangélicos, com os quais convivo, destaco o esforço em respeitar o outro, o profundo senso de reverência ao sagrado e às sagradas escrituras, o cuidado com a família, a valorização do trabalho, o zelo pela sacralidade da vida, a solidariedade e o desejo de fazer as coisas certas. Todos esses valores, e muitos outros, percebo nos evangélicos com os quais convivo. Da mesma forma, esses mesmos valores também podem ser percebidos entre o povo de terreiro. Então, se temos tanto em comum, por que não nos respeitarmos?

Agradecemos por essa entrevista.

Agradeço o convite para essa conversa e novamente reafirmo que o remédio contra o ódio é o amor. E, se uma religião não ensina a amar não faz sentido existir. Mas, esse amor de que falo não é o amor egoísta e narcísico que só ama o semelhante. Falo do amor que Jesus ensinou e que Oxalá ensina: o amor incondicional. Afinal, como o próprio Jesus falou: “Com efeito, se amais aos que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem também os publicanos a mesma coisa? E se saudais apenas os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem também os gentios a mesma coisa? Portanto, deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 46-48). Axé!

<fim>

Enfrentando o preconceito como alternativa para a promoção da saúde

<por Eugênia Zilioli-Iost> <eugeniazilioli@yahoo.com.br>



O trabalho da Atenção Básica de Saúde (Setor Público) no Brasil enfrenta vários desafios para promover uma população saudável. A UBS (Unidade Básica de Saúde) é a porta de entrada principal para os munícipes iniciarem as investigações das queixas físicas e mentais, aumentando com isso a complexidade no trabalho dos profissionais de saúde.

A visão que temos sobre a Saúde de uma população incide diretamente no processo de trabalho dos profissionais. De acordo com a linha teórica da **Saúde Coletiva**, os aspectos que podem influenciar no processo Saúde-Doença não são exclusivamente biológicos, a maneira como a sociedade se organiza, socialmente, economicamente e culturalmente, tem uma atuação potencialmente elevada no desenvolvimento das doenças.

Com base nesta teoria a UBS Alpes do Jaraguá, no município de São Paulo, desenvolveu um projeto intitulado de **“Alpes Diversidade”**. Este projeto, pretende ampliar a visão de mundo dos profissionais de saúde e demais trabalhadores da Unidade (Segurança, Limpeza, Administrativo), sobre assuntos ligados aos direitos humanos. Em março de 2015 iniciamos rodas de conversa com todos os trabalhadores da UBS, sendo o primeiro tema **“Racismo no Brasil”**. O segundo tema deste projeto foi a **“Intolerância Religiosa às religiões de matrizes africanas”**.

Durante as rodas de conversa, contamos com um professor de filosofia que é líder no Candomblé e isso permitiu um aprofundamento sobre o assunto. Apresentamos também um documentário da ONU Brasil sobre o preconceito às religiões de matrizes africanas (ou religiões afro-brasileiras). Durante o debate, os participante (principalmente **crístãos**), questionaram sobre os símbolos dessas religiões serem semelhantes à imagem do “demônio” e que se sentiam “mal” quando assistiam aos seus rituais. Estes apontamentos foram fundamentais para que a equipe condutora do projeto pudesse esclarecer sobre as diferenças entre os símbolos religiosos e os seus significados nas religiões de matrizes africanas.

Foi possível também abordar sobre o modelo eurocêntrico, imposto ao Brasil desde a sua colonização e que o olhar sobre um culto religioso, necessita de uma base cultural alinhada à religião específica.

Como gerente desta UBS, pude observar que essas **rodas de conversas**, impulsionaram uma reflexão, sobre os modelos e conceitos fundamentalistas da nossa sociedade, vários funcionários comentam que hoje, estão vendo, por exemplo, as cotas raciais de outra maneira, pois, entenderam que desde a libertação dos escravos, esta foi a primeira ação de inclusão do negro ao sistema de educação.

Este projeto tem permitido evidenciar que é possível organizar um ambiente propício para a **reflexão** de temas inclusivos e que não importa onde estamos ou o que fazemos, o fundamental é sairmos da posição de expectadores e atuarmos como protagonistas das nossas vidas.

<Eugênia é mestre em Enfermagem em Saúde Pública e membro do Espiritualidade Libertária>